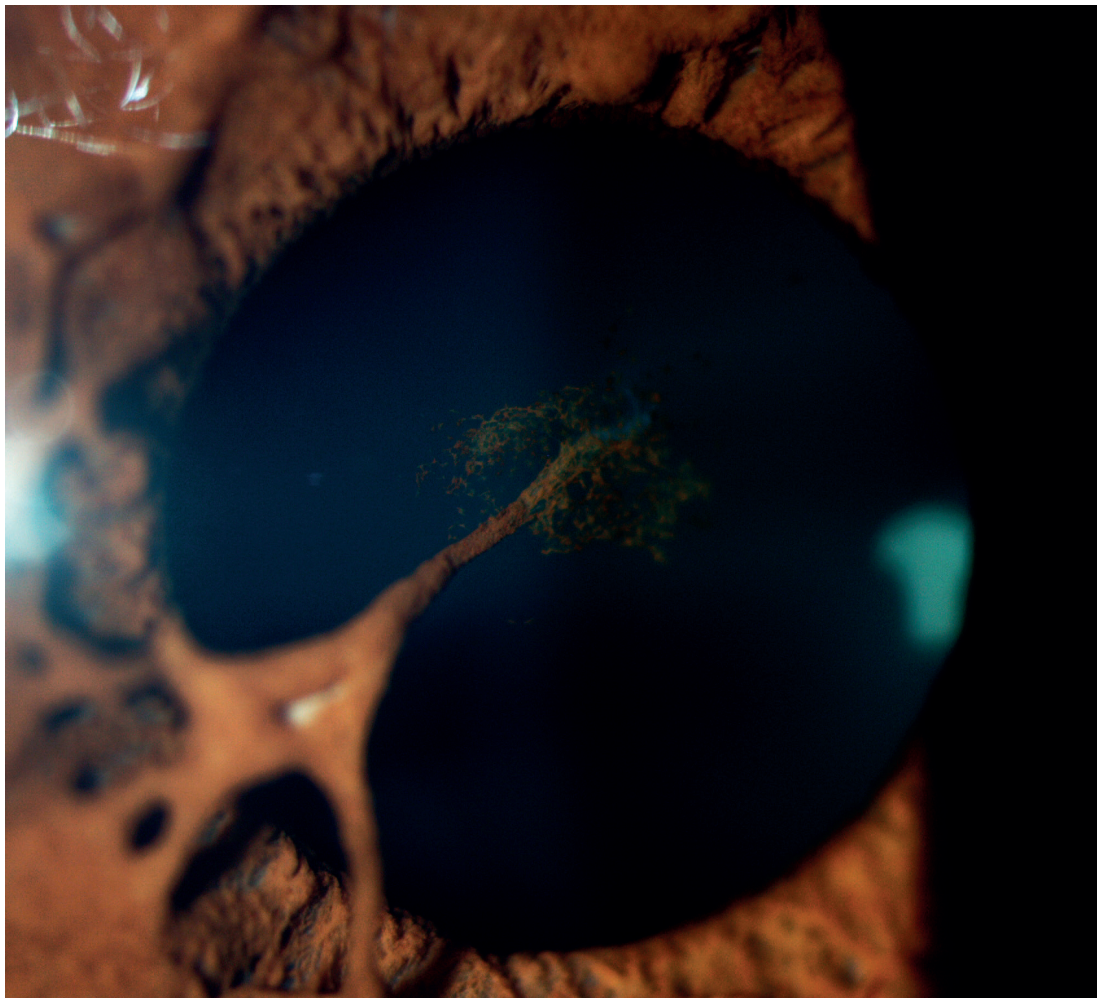


# UM OLHAR ATRAVÉS DA MEMBRANA PUPILAR

A LOOK THROUGH THE PERSISTANT PUPILLARY MEMBRANE

<sup>1</sup>Catarina Pedrosa, <sup>1</sup>Maria Lisboa, <sup>2</sup>Isabel Prieto



Persistência da membrana pupilar em fotografia à lâmpada de fenda.

A imagem apresenta a persistência da membrana pupilar no olho direito de um homem de 26 anos, assintomático e saudável. Apresenta acuidade visual de 8/10 para longe no olho direito e 10/10 no olho esquerdo, sem outras alterações à observação oftalmológica.

A persistência da membrana pupilar consiste numa anomalia congénita da íris, geralmente esporádica, cujo diagnóstico é frequente em idade pediátrica, principalmente em crianças prematuras.<sup>1</sup>

Nos casos em que não ocorre a regressão normal da túnica vascularizada lentis anterior durante o terceiro trimestre da gestação, verifica-se a persistência de tecido remanescente sobre a abertura pupilar, que geralmente regride durante o primeiro ano de vida embora possa ser observada em adultos saudáveis.<sup>1,2</sup>

Histologicamente, este tecido caracteriza-se pela presença de células espiculadas, pigmento e vasos sanguíneos, estando

também associado a espessamento do estroma da íris com aumento do número de fibrócitos e fibras de colagénio.<sup>2,3</sup> A sua extensão varia desde finas fibras a membranas densas e extensas que podem ocluir totalmente a pupila, impedindo a visualização do reflexo vermelho e condicionando o normal desenvolvimento da função visual.<sup>2,3</sup>

O tratamento da persistência da membrana pupilar depende da extensão da membrana e grau de abertura pupilar que esta condiciona.<sup>1</sup> Para além da observação periódica conservadora, nos casos em que afecta a acuidade ou desenvolvimento visual, o tratamento desta alteração inclui a abordagem farmacológica, através da utilização de fármacos midriáticos tópicos, o recurso a Neodymium: YAG laser ou a excisão cirúrgica da membrana (membranoplastia).<sup>1,3</sup>

Apesar de, na maior parte dos casos, a persistência da membrana pupilar estar associada a bom prognóstico visual, tal como no doente apresentado na imagem cujo diagnóstico

<sup>1</sup> Assistente Hospitalar Graduada de Oftalmologia, Serviço de Oftalmologia, Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE, Amadora, Portugal

<sup>2</sup> Directora do Serviço de Oftalmologia, Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE, Amadora, Portugal

✉ pedrosa.catarina@gmail.com

foi apenas realizado aos 26 anos de idade, em alguns casos esta condição pode ter implicações visuais graves, pelo que é importante o rastreio e acompanhamento periódico destes casos.

Os autores declaram que não existem conflitos de interesse relativamente à publicação do presente caso clínico.

O presente trabalho não foi financiado nem recorreu a fundos, públicos ou privados.

## BIBLIOGRAFIA

1. Fard AM, Asghari S, Pourafkari L, Nader ND. Persistent pupillary membrane. *QJM*. 2015 Sep 30. pii: hcv183.
2. Lambert SR, Buckley EG, Lenhart PD, Zhang Q, Grossniklaus HE. Congenital fibrovascular pupillary membranes: clinical and histopathologic findings. *Ophthalmology*. 2012 Mar;119(3):634-41.
3. Thacker NM1, Brit MT, Demer JL. Extensive persistent pupillary membranes: conservative management. *J AAPOS*. 2005 Oct;9(5):495-6.